



Expressão de Imagens Fotográficas na Mídia Impressa - Uma Análise Semiótica do uso de Figuras Políticas nas capas dos Jornais Zero Hora e Correio do Povo¹

Cândida de Oliveira²

André Gagliardi³

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

Resumo

Esta pesquisa propõe uma visão simplificada de como ocorre o processo de elaboração de significados e mensagens, a partir de signos utilizados pela mídia impressa, mais especificamente, fotografias de figuras políticas durante uma campanha eleitoral. São apresentadas teorias de diversos autores ligados ao campo da semiótica e análise de imagens, dentre eles Charles Sanders Peirce e Ferdinand Sausurre. Partindo-se para uma exemplificação, apresenta-se uma relação das teorias com imagens fotográficas veiculadas na capa em dois grandes jornais regionais: Zero Hora e Correio do Povo. O resultado revela que várias mensagens e significados podem ser formulados a partir de uma mesma imagem, pois vários elementos estão associados a ela, e não simplesmente ao que ela parece ser.

Palavras-chave

Semiótica; Mensagem; Imagem; Fotografia; Jornalismo Impresso; Política; Signo.

¹ Pesquisa de Iniciação Científica, elaborada para o componente curricular Semiótica do Curso de Comunicação Social da UNIJUÍ apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul.

² Acadêmica do curso Comunicação Social – habilitação Jornalismo da UNIJUÍ – 4º Semestre. Endereço eletrônico: candida.o@hotmail.com

³ Mestre do curso de Comunicação Social, da UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, orientador da pesquisa. Endereço-eletrônico: andreg@unijui.edu.com.br



Considerações iniciais

A elaboração das capas de jornais, desde o processo de seleção das fotografias até a organização dos textos, legendas e manchetes, geralmente está associada a diversos fatores como a ideologia do meio, contextos da sociedade, procedimentos técnicos, dentre outros. No entanto, essa atividade, geralmente realizada por jornalistas editores, não ocorre abalizada no senso comum sofrendo interferências apenas dos aspectos condizentes com o veículo de comunicação e a realidade. Por ser um canal de difusão massiva, as decisões desta ordem seguramente são fundamentadas por intuítos que vão além da simples ilustração.

Os objetivos específicos da mídia correspondem a informar, persuadir ou entreter. Para que estas intenções sejam alcançadas, muitos jornalistas revelam astúcia no uso das linguagens, ponderando, quase sempre, a percepção do público receptor que poderá, ou não, interpretar a mensagem almejada. Logo, o significado está intimamente ligado à forma como as linguagens são utilizadas.

De acordo com as teorias de Charles Sanders Peirce, todas as linguagens existentes fazem parte de uma ciência normativa e são passíveis de uma leitura estruturada. Para este procedimento, reporta-se a semiótica que, segundo Lúcia Santaella (2004, p. 13) baseando-se nos estudos de Peirce, trata-se de uma “ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis”, permitindo

(...) compreender qual é a natureza e quais são os poderes de referência dos signos, que informações transmitem, como se estruturam em sistemas, como funcionam, como são emitidos, produzidos e utilizados e que tipo de efeitos são capazes de provocar no receptor. (SANTAELLA, 2005, p. 04)

Assim, as representações podem ter significados diferentes para várias pessoas e vai depender de muitos fatores ligados ao contexto social, cultural, econômico, político e até religioso. Vai depender do meio em que esta pessoa esta inserida e fundamentalmente de seus hábitos e experiências.

O processo de interpretação do signo acontece muito rapidamente, tanto que o indivíduo, às vezes, nem tem a percepção de como captou a mensagem. Para esclarecer como ocorre esse processo, no presente artigo, será apresentada uma análise semiótica comparativa de dois importantes periódicos no estado, o jornal Zero Hora e o



jornal *Correio do Povo*, tendo como objeto de estudo fotografias presente nas capas das edições de 26 de outubro de 2006.

Apresentar os propósitos de uso de tais elementos, bem como ocorre a leitura das mensagens nesses signos, tendo como instrumentos de análise métodos científicos, permite compreender até que medida a informação é captada pelos indivíduos e em que grau essa interpretação interfere e afeta a sociedade. Além disso, é possível conferir o exato papel da imagem fotográfica no jornalismo impresso, comprovando, ou não, a importância deste sistema de signo para a divulgação de mensagens.

1 – Fundamentação teórica

Para que este procedimento seja abertamente abalizado, se faz necessário apresentar inicialmente, as principais teorias da semiótica, elaboradas por Charles Sanders Peirce e Ferdinand Saussure. A partir dessas teorias, outros conceitos específicos para análise da imagem foram desenvolvidos, por isso, convêm serem destacadas também aqui, as teorias de Roland Barthes e Jean-Marie Floch, ainda que suas aplicações fiquem para um próximo estudo.

1.1 - O signo, sua significação, objetivação e interpretação sob a ótica peirceana

Os signos colocam o indivíduo em contato com a realidade, fazendo este perceber o que existe a sua volta, por meio de um processo interpretativo. A partir de estudos sobre as teorias de Charles Sanders Peirce, Lúcia Santaella afirma que

(...) o signo é qualquer coisa de qualquer espécie (...) que representa uma outra coisa, chamada de objeto de signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo. (SANTAELLA, 2005, p. 08)

Todo signo é primeiramente criado na mente, sempre com alguma coisa para fundamentá-lo, ou seja, ele representa um objeto, mas é distinto deste devendo haver outro aspecto que determine e justifique sua representação. Peirce estabelece, conforme traz Santaella (2005), uma lógica triádica do signo, apresentando três teorias de relações: a significação – relação do signo consigo mesmo, determinando seu fundamento;



a objetivação – relação do fundamento com o objeto; e a interpretação – relação do fundamento com o interpretante.

Os fundamentos do signo, ou seja, aspectos que determinam sua competência de ser signo e sua significação são: a) características/qualidades próprias do signo, capazes de sugerir outras coisas (é a propriedade de quali-signo); b) caráter real - se refere a algo singular do signo pela sua existência (é a propriedade de sin-signo); c) finalidades pré-determinadas por lei que sustentam a existência do signo (é a propriedade de legi-signo). Tais propriedades não são excludentes e na maioria das vezes operam em conjunto, pois, para que um legi-signo exista, este deve ter a propriedade de sin-signo e quali-signo e assim por diante.

Após a identificação das propriedades da significação, estas determinam pela predominância de um fundamento sobre outro, as propriedades da observação, quais são icônica, indicial ou simbólica. A partir da identificação do signo como ícone, índice ou símbolo se define por semelhança – imagética diagramática ou metafórica –, por continuidade ou por representação, o objeto imediato.

Antes de seguir adiante, convém destacar a diferença entre ícones, índices e símbolos, já que estas são as denominações classificatórias dos signos conforme a teoria de Peirce. Deste modo, diz-se signo icônico aqueles que possuem capacidade de aplicação, ou seja, a referencialidade das mensagens deriva apenas de seu poder de sugestão que brota dos aspectos sensórios, qualitativos. Os signos indiciais correspondem aqueles que possuem referencialidade direta, isto é, quando as mensagens indicam sem ambigüidade, no mundo existente, aquilo que elas se referem. Os signos simbólicos são aqueles em que a mensagem tem o poder de representar idéias abstratas e convencionais.

Na seqüência, é possível se aproximar da mensagem, na medida em que este objeto imediato sugere, indica ou representa o objeto dinâmico. Assim, a interpretação em si, inicia a partir da identificação do objeto imediato, que é interno ao signo, e em seguida, imperceptivelmente, do objeto dinâmico, o qual corresponde à mensagem transmitida. O objeto imediato é formado pelas referências que o observador ou intérprete tem segundo suas experiências de vida. O objeto dinâmico é definido a partir de uma relação com o objeto imediato, que vai depender da propriedade que esta sendo considerada.

O interpretante é o terceiro elemento da tríade, é o efeito interpretativo. São três níveis de interpretantes: imediato, dinâmico e final. No primeiro nível (interpretante imediato) não há relação com o intérprete, é algo que pertence à



objetividade do signo. No segundo nível é considerada a dimensão psicológica do interpretante. Trata do efeito singular produzido por cada intérprete particular. E por fim, o interpretante final que é o próprio resultado interpretativo.

Ao analisar a aplicabilidade da teoria de Pierce na análise de imagens, pode-se constatar que o autor classifica a imagem como icônica, tanto é que a insere em uma de suas classes de ícones. A fotografia estaria aí classificada, pois, em síntese, sempre se parece com aquilo que representa, retoma as qualidades de seu referente. Nesse sentido uma de suas funções é “provocar uma certa ilusão da própria realidade” (JOLY, 1996, p. 40). No entanto, conforme afirma Martine Joly, as imagens sofrem uma distinção. Algumas são fabricadas, outras são gravadas, como é o caso da fotografia. Devido a isso, a fotografia deixa “traços” e com isso “torna-se” índice. Adquirem “força de persuasão no seu aspecto de índice e não mais no seu caráter icônico. A semelhança cede lugar ao índice”. (JOLY, 1996, p. 40).

1.2 - Leitura de signos sob a ótica de Ferdinand Saussure e Jean-Marie Floch

Até aqui é possível chegar a comprovação de que a leitura semiótica busca ponderar a forma como os signos buscam evocar, indicar ou representar significados, ou como se dá o modo de produção de sentido. Martine Joly (1996) destaca que, Ferdinand Saussure, ao analisar este modo de produção criou a Semiologia. Ele partiu do “(...) princípio de que a língua não era o único sistema de signos que exprimem idéias (...)”. No entanto tomou-a como principal elemento a ser analisado e ao fazer isto, chegou as unidades mínimas de significação: os signos lingüísticos, introduzindo a estrutura significante – significado, ao descrever a palavra “(...) como uma entidade psíquica de duas fases indissociáveis que uniam uma significante (os sons) a um significado (o conceito) (...)” (JOLY, 1996, p.43). Ela esclarece ainda que o conjunto de sons não é vinculado ao real, mas ao conceito adquirido pela experiência do receptor.

Decorre que um mesmo significante pode ter vários significados. A primeira significação é denotativa e ao provocar um segundo significado (agora conotativo), torna-se também um significante e assim por diante, conforme o esquema:

(Significante)----- (Interpretação denotativa)

Signo-----Primeiro Significado-----Segunda Significação

(Significante)----- (Interpretação conotativa)



Seguindo a teoria saussuriana, Jean-Marie Floch (1985) analisa os signos desvinculando-o da semiologia e tratando a análise da linguagem como algo mais amplo, ligado à semiótica. Ele afirma:

o signo é apenas uma unidade da manifestação da linguagem (...) é nos signos que se efetua a reunião dos dois planos da linguagem (...) o sentido de um texto está em seu plano de conteúdo (...) só há expressão se houver conteúdo, e não há conteúdo se não houver expressão (...) (FLOCH, 1969, p. 10,11 e 12).

Desse modo, o autor destaca que as relações entre as linguagens se estabelecem entre dois planos: de expressão e de conteúdo. O sentido ou significação do signo se dá a partir de seu plano de expressão. Neste plano, ocorre a manifestação da linguagem, por meio de qualidades selecionadas e articuladas. Já no plano de conteúdo, a significação ocorre permeada pela cultura do intérprete e da própria sociedade.

Antônio Vicente Pietroforte, esclarece:

O Plano de conteúdo refere-se ao significado do texto, ou seja, (...) ao que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. O plano de expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema de significação verbal, não verbal ou sincrético. (PIETROFORTE, 2004, p.11)

Assim, a relação existente se refere a forma como o significado do signo, aqui tratado como texto, se desenvolve. Percebe-se que um mesmo conteúdo pode ser expresso de três maneiras distintas. O sistema de significação verbal pode ser classificado como a língua escrita ou falada. Já o não verbal trata especificadamente de outras formas de linguagem como, por exemplo, a imagem fotográfica. Por fim, o formato sincrético é a manifestação conjunta de tais sistemas, que pode ser evidenciada pela utilização da fotografia e do signo lingüístico no jornal impresso.

Essa relação entre expressão e conteúdo, entre significante e significado, também é chamada semi-simbólica, qual relaciona um elemento de uma imagem, (estabelecido no plano da expressão como significantes do signo), com determinado conceito (presente no plano de conteúdo como significado do signo) e outros elementos similares, mas ainda assim distintos, com conceitos adversos do primeiro, projetando uma seqüência de elementos lingüísticos relacionados entre si, formando um modelo categórico de expressão e conteúdo, ou um sistema semântico estruturado. Ou seja,



a significação vai ocorrer de fato através de uma representação que passa por etapas lógicas sucessivas, também conhecidas como percurso gerativo da constituição do sentido.

A aplicabilidade do esquema criado por Saussure, bem como os demais conceitos apresentados na seqüência, será mais bem esclarecido com as teorias de Roland Barthes, para uma análise de imagens, como poderá ser verificado adiante.

1.3 – A semiótica no universo das imagens fotográficas

Segundo Santaella (2005, p. 112), a fotografia se enquadra no paradigma fotográfico que consiste na produção de imagens, por meio de uma “(...) conexão dinâmica e captação física de fragmentos do mundo visível (...)”. São imagens produzidas por máquinas e equipamentos capazes de captar a realidade, se tornando uma das formas de linguagem mais concretas para o registro de coisas e situações que de fato existiram. São signos que permitem registrar a história trazendo informações a qualquer tempo, das quais o ser humano capta, se apropria e denota significados transformando sua existência.

Fundamentando-se nas teorias de semiótica desenvolvidas por Saussure e Floch, Roland Barthes (1969) define o signo como sendo um sistema de expressão, relação e conteúdo, onde se variam os níveis de acordo com a quantidade de expressões e conteúdos. Ele identifica que a fotografia é composta por duas mensagens: a denotativa, que consiste no real literal, e a conotativa que:

(...) trata-se de um segundo sentido, de que o significante é um certo “tratamento” da imagem sob a ação do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete a uma certa cultura da sociedade que recebe a mensagem. (...) (BARTHES apud ADORNO ET AL, 1969, p. 305)

Assim, a fotografia se caracteriza como um complexo sistema sógnico onde o significado corresponde a mensagem conotativa da imagem, que pode inclusive, ser imposta na produção e recepção da imagem fotográfica, em diferentes níveis. Assim, o autor faz perceber que ambos os processos de emissão e recepção, estão diretamente ligados a determinados grupos de indivíduos exigindo, desta forma, um estudo prévio sobre as motivações e comportamentos dos indivíduos representados nas imagens

fotográficas e suas relações com a sociedade, o que determina, na verdade, a publicação ou não da fotografia.

Barthes afirma que especificadamente na fotografia de imprensa, a mensagem denotativa se enche de modo que, quase não deixa lugar para o desenvolvimento da mensagem conotativa. Nesse sentido, o signo perde em expressão, remetendo, no caso da fotografia jornalística, simplesmente ao que é possível identificar numa primeira análise, ao real absoluto da imagem. No entanto, ao procedermos a uma leitura mais analítica, devendo haver uma descrição, parte-se para o nível de interpretação conotativa, pois por mais que se cuide para não distorcer a mensagem denotativa, o fato de mudar de estrutura narrativa (de uma linguagem imagética para uma escrita), já se estabelece uma conotação relativa. A imagem, portanto, passa a “significar outra coisa além do que se mostra” (BARTHES apud ADORNO ET AL, 1969, p. 306). Do mesmo modo concorda Danusa Widz (2003), explicando que o sentido conotativo corresponde ao sentido figurado do signo, o que é possível obter somente pela interpretação subjetiva de cada receptor.

Martine Joly, por sua vez, avalia que toda a imagem tem sempre por objetivo uma significação mais ampla. A autora afirma:

(...) a imagem é composta de diferentes tipos de signos lingüísticos, icônicos, plásticos, que juntos concorrem para a construção de uma significação global e implícita (...) (JOLY, 1996, p. 50)

Os signos constituintes da imagem se inter-relacionam para elucidar a mensagem, tornando-a uma poderosa ferramenta de expressão e comunicação. Joly (1996), baseada nos estudos de Jakobson, explica que para caracterizar uma imagem, bem como seu significado, se faz necessário primeiro verificar a função, ou seja, a que propósito ela foi utilizada. Assim como na lingüística, na utilização de imagens se aplicam determinadas funções, que podem ser: denotativa, cognitiva ou referencial; expressiva ou subjetiva; conotativa; fática ou poética, não cabendo na imagem somente a função metalingüística, pois não há código específico e convencional para se estabelecer uma fotografia. A autora destaca que as fotografias de imprensa deveriam, supostamente, ter uma função referencial, cognitiva, mas na realidade, situam-se entre a função referencial e a função expressiva, pois além de concentrar o conteúdo da mensagem naquilo sobre o que se está falando. Ou seja, concentra parte da representação do signo no emissor da

mensagem, tornando-a de certo modo subjetiva, ou seja, essa expressão denota a sensibilidade e o estilo do fotógrafo.

1.4 - Relações entre linguagem visual e verbal

Desde sua invenção, no séc. XIX, a fotografia vem sendo amplamente utilizada e destacada na mídia impressa, transformando o meio e a própria sociedade. Como afirma Ivan Lima (1989, p. 09) “Não é possível imaginar a imprensa sem a fotografia. A introdução da fotografia de imprensa foi um fenômeno de importância capital. (...)”. De acordo com Roland Barthes (apud ADORNO ET AL, 1969, p. 303) “A fotografia de imprensa é uma mensagem (...)” que pode mudar, inclusive, o significado e o sentido da realidade, dependendo exclusivamente, daquilo que se pretende transmitir, tanto pelos contornos que são atribuídos à fotografia como textos, legendas e títulos, como processos intrínsecos a produção fotográfica.

O professor e fotógrafo Paulo Scortegagna (apud Lara Nasi, 2006), concorda ao afirmar que a imagem, por si só, constitui uma forma de linguagem, permitindo uma vasta gama de interpretações. Porém acredita que a utilização do signo lingüístico junto com a fotografia estabelece uma complementação redundante, qual é mantida devido a um paradigma estrutural, histórico e funcional.

Para Roland Barthes (apud PIETROFORTE, 2004, p. 48), “(...)a palavra pode ter duas funções: de ancoragem ou de etapa(...)”. De ancoragem remete no estabelecimento e relações semi-simbólicas entre categorias de semântica (plano de conteúdo). Já quando ocorre no plano de expressão, as relações vão se dar numa categoria fonológica, ou seja, de acordo com os fonemas da língua.

Roland Barthes (1969) esclarece ainda que para que o signo fotográfico contenha significantes, este deve conter mensagens conotativas, ou seja, estabelecer expressão e conteúdo. A conotação da fotografia de imprensa pode se desenvolver no próprio processo fotográfico ou ainda associada a utilização do texto que acompanha a imagem. De um modo geral é possível estabelecer três formas do código conotativo: por percepção, de forma hipotética; por cognição, com significantes escolhidos em partes da fotografia; ou por ideologismo, exigindo um significante muito bem elaborado, pois aqui esta em jogo a leitura de valores e idéias. É possível afirmar, assim, que a leitura conotativa da fotografia dependerá do nível de conhecimento que o leitor possui sobre o assunto apresentado inicialmente de forma denotativa.

2 - Análises de significados nas fotografias publicadas na mídia impressa

Para melhor compreensão das teorias até agora perpassadas, será apresentada uma análise semiótica das imagens fotográficas, publicadas na capa do jornal Zero Hora e jornal Correio do Povo, nas edições de 26 de outubro de 2006, coincidindo com a o término das eleições e limitando o foco, portanto, na atual conjuntura política. Convém deixar explícito que tal análise não se faz com o propósito de relacionar a semiótica com a política, mas sim compreender como esta ciência se aplica, visto que um mesmo assunto pode ser vinculado em diferentes meios de comunicação, no caso, impressos, e denotar diferentes significados.



Figuras ZH1: Foto do Presidente Luiz Inácio da Silva (Lula)
e ZH2: foto do candidato Geraldo Alckmin

Iniciando a análise a partir de signos individuais, é possível compreender cada etapa do processo de leitura dos sistemas sígnicos, ou seja, signos mais complexos, no entanto, somente as etapas principais de leitura semiótica serão aqui descritas. Inicia-se tal análise, portanto, somente pelas imagens fotográficas vinculadas.

Na Figura ZH1, é possível identificar aspectos qualitativos, indiciais e derivado de leis. A pouca profundidade de campo (índice), por exemplo, contribui para direcionar o olhar (indicar) para o ponto de interesse no primeiro plano da imagem destacando assim o personagem principal (objeto imediato). A luz em contraste com a sombra (índices) indica o semblante do personagem levemente sorridente e com olhar em direção ao receptor (objetos imediatos).

Imperceptivelmente, o receptor tem a impressão de cultivar uma interação com o personagem, instaurada entre um “eu” e um “você”. Portanto, o personagem político (objeto imediato) sugere proximidade e simpatia (objeto dinâmico) para com o público. A mão levantada do presidente contribui para esta percepção, embora, corresponda a um ícone pelo seu aspecto de semelhança. No entanto, por ser um gesto de cumprimento, remete também a um signo simbólico, pois tal movimento reflete uma convenção estabelecida pelos homens. Outro aspecto que torna o signo fundamentado pelo legi-signo é a própria imagem de presidente da república, visto que se estabelece esta e outras figuras políticas pelas leis estabelecidas pelo homem.

Ainda que possa ser considerada como símbolo, este signo representa seu objeto pela semelhança, ou seja, tal como ele é. Além disso, a mesma imagem do presidente Lula, indica alguém que existe realmente, mantendo assim uma ligação existencial. Logo, trata-se de um signo também fundamentado, principalmente pela propriedade de sin-signo. Todas as propriedades em conjunto, em um nível de análise mais aprofundado, remetem ao desejo de imitação (interpretação dinâmica emocional), de apropriação das qualidades do modelo que representam uma pessoa que “viveu na pobreza”, mas mudou sua vida tornando-se uma “pessoa vitoriosa” devido a sua “persistência e coragem”, entre outros atributos intrínsecos ao personagem devido a sua própria história (interpretação dinâmica lógica). Tais interpretações e mesmo o objeto imediato pode significar para o receptor – provavelmente um eleitor – que tal personagem faz jus ao seu voto. Com isso a interpretação das mensagens poderá desencadear em uma ação, ou seja, a adesão ao candidato pelo voto. Essa ação é classificada como uma interpretação dinâmica enérgica. Diante desta análise pode-se observar que este signo é fundamentado por quali-signos, sin-signos e legi-signos, ou seja, constituído por ícones, índices e símbolos. No entanto, constata-se que prevalecem seus aspectos indiciais e simbólicos, tratando-se, portanto de um signo concreto e coletivo.

A Figura ZH2, por sua vez, apresenta como qualidades as cores escuras no fundo (ícones), opondo-se à outra imagem, que possui o fundo claro. Ao mesmo tempo, diminui a profundidade de campo contribuindo para destacar, pelo contraste da luminosidade, o ponto de interesse na imagem, ou seja, direciona o olhar para o 1º plano onde estão localizados os dois personagens políticos – Geraldo Alckmin e Fernando Henrique Cardoso (FHC), quais correspondem ao objeto imediato indicados pelas figuras, assim como na Figura ZH1, demonstrando uma relação indicial. Diante dessas

convergências, convém destacar o que há de diferente na 2ª imagem e como ocorre a relação entre esses diferentes signos.

Na Figura ZH2, o personagem político FHC (ícone, índice e símbolo) reporta ao governo anterior a Lula e evoca o apoio dado a Alckmim. A presença de FHC na foto sugere que o governo de Alckmim seria uma mera reprodução de seu governo (interpretante lógico e emocional). Portanto, podemos observar que a imagem não está só sugerindo a figura do personagem político pela semelhança, mas porque, devido ao contexto político, é capaz de sugerir algo mais do que sua figura. Além disso, a imagem estabelece uma relação direta com a estrutura lingüística empregada na manchete da matéria da mesma edição: “LULA EXCLUSIVO SOBRE O GOVERNO FH” e mais abaixo da matéria, ainda na parte superior das fotos: “Nós já batemos muito neles. Agora eu quero comparar comigo mesmo”. O presidente Lula deixa transparecer o assunto: existe de fato uma comparação entre seu governo e o de FHC, e devido a isso ele está quase certo de vencer as eleições de 2006.

Além disso, a disposição dos elementos lingüísticos, bem como a comparação das imagens fotográficas, sugere uma disputa não apenas entre Lula e Alckmim, mas também entre Lula e FHC. Além disso, pode-se verificar que este personagem político, de acordo com a diagramação das imagens, encontra-se exatamente entre os outros dois candidatos. Trata-se assim de um sistema sígnico icônico/simbólico que evoca, no tema política, uma comparação do atual governo (Lula) e do governo anterior (FHC).

Ambas as imagens se referem a algo que realmente existiu, se constituindo como índices, tanto pelos personagens, como pelo evento que se busca indicar, esclarecido pelos signos lingüísticos apresentados logo acima das imagens: “OS ÚLTIMOS COMÍCIOS”. Tanto este título como a legenda das imagens fotográficas tem a função de ancoragem, ou seja, reafirmam o evento, contribuindo para esclarecimento da mensagem transmitida.

Na análise das imagens veiculadas no jornal Correio do Povo, percebe-se que os fundamentos relacionados anteriormente para as fotografias vinculadas no jornal Zero Hora parecem se assemelham, porém, verifica-se que devido a variação dos movimentos, o interpretante dinâmico também modificará. Ou seja, embora as fotografias registrem os mesmos personagens, no mesmo evento, a mensagem que cada veículo busca transmitir é diferente uma da outra.



Figuras CP1: Foto do Presidente Lula e CP2: Foto do candidato Alckmim

Assim, na Figura CP1, a credibilidade do personagem político Lula é colocada sobreaviso, visto que o semblante já não denota mais simpatia e emoção, pelo contrário, a expressão “ameaçadora” (objeto imediato) poderá evocar demagogia e intimidação (objetos dinâmicos). Nem o próprio candidato acredita no que ele fala, pois é adepto a facções populares no governo voltadas ao abuso da democracia, ao anarquismo. Esse interpretante dinâmico emocional é possível de ser estabelecido, se baseado em fatos históricos, fatos escandalosos do atual governo. Tal interpretante é reforçado ainda pela manchete: “*Lula e Alckmim ampliam gastos nos últimos dias de campanha*”. Aqui a expressão “*ampliam gastos*” traz uma interpretação conotativa negativa, já vinculando as demais teorias, de que não somente o presidente como também o outro candidato, não mediram custos e esforços para promover sua campanha e o que importava mesmo era ganhar a eleição.

Na figura de Alckmim – CP2, novamente a figura de FHC aparece ao lado (objeto imediato descritivo), sugerindo uma possível ligação com o candidato e uma possível comparação entre os governos de Lula e FHC (objetos dinâmicos). Analisando as expressões do rosto dos personagens na foto, pode-se afirmar ainda que o candidato Alckmim denota certo entusiasmo, embora não tanto quanto na imagem ZH2. Os demais integrantes da composição fotográfica, inclusive FHC, porém, não demonstram tal característica, não demonstram contentamento da situação. Com isso a imagem em si (índice), apresenta um contraste de posições (objeto imediato) indicando que as perspectivas quanto a vitória nas eleições não são tão favoráveis assim (objeto dinâmico que denota uma ocorrência) e portanto não deve se aderir ao candidato (interpretação dinâmica energética).



Considerações finais

Muitas outras considerações poderiam ser feitas neste artigo, como a escolha de determinada cor para os textos escritos e nas imagens fotográficas ou pela aplicação dos demais conceitos e teorias aqui expostos, por exemplo. No entanto procurou-se manter o foco na utilização da teoria desenvolvida por Charles Sanders Peirce, já que esta se aplica a toda e qualquer espécie de signo e foi o principal objeto de estudo do componente curricular. Portanto, tal análise não desmerece ou extingue outras possibilidades de interpretações, mesmo associando a teoria aplicada.

Percebeu-se que as imagens fotográficas veiculadas na mídia impressa, ainda que publicadas com claras intenções dos profissionais que o fazem, podem induzir a variadas interpretações, pois dependem muito mais dos elementos que são associadas a elas do que simplesmente pelo que representam em semelhança ao seu objeto, ou seja, seu caráter denotativo. Além disso, tais elementos (ícones, índices e símbolos) podem instigar o “pensar”, o interpretar nos receptores, fazendo com que estes enxerguem que há muito mais por trás de uma simples imagem. Não é tão simples assim, os meios sempre querem dizer algo mais do que a figura ilustrativa que é vista em suas fotografias.

Considerando os veículos midiáticos analisados, poderíamos afirmar que, pelo menos neste dia, o jornal Zero Hora tem uma postura de apoio ao candidato Lula, contribuindo para o marketing político do mesmo, enquanto que o jornal Correio do Povo, não apóia nenhum dos dois candidatos, instigando muito mais a uma reflexão sobre a conduta e caráter dos personagens. A partir disso, nota-se que o jornal ZH pode ser considerado como meramente informativo enquanto que o jornal Correio do Povo demonstra certa ideologia crítica.

A semiótica mostra que, embora os signos contenham significados determinados, sua interpretação depende muito mais da pragmática para cada leitor. Mas sem dúvida, comprova-se que o conhecimento dessa ciência contribui no desenvolvimento de uma percepção muito mais concreta no indivíduo, fazendo este perceber o que existe, de fato, ao seu redor, de que forma as mensagens são repassadas e como estas mensagens acabam interferindo na própria vida. A semiótica, por fim, permite “abrir os olhos” para o mundo.



Referências

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica.** In Teoria da Cultura de Massas. Adorno et al: Introdução, comentários e seleção de Luiz Costa Lima. Tradução César Bloom. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. P. 303 à p. 316.

FLOCH, Jean-Marie. **Alguns conceitos fundamentais em Semiótica geral.** Documentos de Estudo do Centro de Pesquisa Sociosemióticas, 1-2001. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Tradução: Analice Dutra Pilar. P.09 à p.29.

LIMA, Ivan. **Fotjornalismo Brasileiro.** Realidade e Linguagem. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989. P.09 à p.22.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** Tradução: Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção: Ofício da arte e forma). P.09 à p.68

NASI, Lara. **Relatório final de atividades do projeto: A visão de autores e interpretes de determinadas imagens.** Ijuí, 2006. 24 p.

PIETROFORTE, Antônio Vicente. **Semiótica Visual: os percursos do olhar.** São Paulo: Contexto, 2004. P. 01 à p. 64.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 01 à p. 134.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 103). 84 p.

WIDZ, Danusa. **A Semiótica nos textos jornalísticos.** In: Semiótica: Reflexões Iniciais. A produção de alunos / 1º sem. 2003. Org. André Gagliardi. Ijuí/RS: UNIJUÍ. (Coleção Cadernos UNIJUÍ. Série Comunicação Social, nº. 08) p.66 à p.70.